

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Com lenço e com documento: proximidades e fronteiras no ofício docente (1961-1971)

Mauro Passos *

Resumo: O processo de conhecimento é um trabalho coletivo. Na história, os homens mudam, assumindo novas formas, tornando realidade seus sentimentos. O ser humano vive da memória. Esta comunicação destaca questões sobre a história da profissão docente em Minas Gerais, a partir do depoimento de uma professora. Na década de 1960, o atraso para o pagamento das professoras primárias gerou uma movimentação da categoria. O depoimento aponta para uma visão diferente da docência. O magistério é um fenômeno social, historicamente situado num quadro de relações mais amplas.

Palavras-chave: Magistério – profissão – salário

Abstract: The process of knowledge is a joint work. History tells us that mankind change, taking new shapes, turning their feelings into reality. Human beings live on their memoirs. This communication highlights questions about the history of docent profession in Minas Gerais, coming from a [teacher's](#) statement. In the 1960s, the delay of primary teacher's pay created a movement in this category. The statement points to a different point of view of the docent. Teaching is a social phenomenon, historically placed in a framework of broader relations.

Keywords: Teaching - profession - pay

Através das lembranças recuperamos
consciências dos acontecimentos anteriores,
distinguímos ontem de hoje,
e confirmamos que já vivemos um passado.
(Lowenthal)

De projetos de verdade e de verdades em projeto, as histórias são construídas. Trajetória de fazeres, de saberes, de lutas e experiências. Trajetória e propósitos da profissão docente compõem essa comunicação. Uma série de questões objetivas e subjetivas é recuperada. Uma trajetória artesanal e carregada de aportes subjetivos – emoção, desejos, esperança, frustrações. Elementos que delineiam o diálogo que tive com uma professora. Os propósitos assinalam a história do magistério, da escola e da cultura escolar. As reformas de ensino, a escola primária e a formação dos professores estão articulados na história da educação brasileira. Vários estudos contribuem para a compreensão do processo que se desencadeou para sua organização ¹. Em Minas Gerais, a cultura escolar encontra nos Grupos Escolares um novo jeito de educar e formar o cidadão republicano.

¹* Doutor em Ciências da Educação. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Com a república, foi ocorrendo um deslocamento no campo educacional brasileiro. Das mãos da instituição religiosa, foi passando para o domínio do Estado. Merece destaque a formação e composição docente desse período. Segundo vários pesquisadores foi ocorrendo uma feminização do magistério ².

Irei considerar neste estudo o movimento das professoras mineiras, na década de 1960. Várias situações balançam a luta e as reivindicações do magistério, no entanto, a questão salarial é norteadora.

1. Um baú de lembranças: palavra de mulher

Tudo tem uma história. Os sonhos, as formas de sociabilidade, o trabalho. Tudo muda ao longo dos séculos e essas mudanças podem ser mais bem compreendidas quando as relacionamos com os acontecimentos da época.

Helena Morley em sua obra *Minha vida de menina*, relata suas memórias escolares, sua primeira experiência como regente de uma classe escolar e suas dificuldades para “ensinar meninos pretos e burros”. Como esse relato, há muitas histórias que compõem o diário de cada professor(a). É sobre uma professora da cidade de Itaguara que farei este estudo.

Através de seu depoimento oral, reconstituí a ponta de uma memória dessa mestra. Com seus 80 anos, continua na guarda da esperança por questões sociais mais justas e por mais ética na política. Memória é uma luz para um novo futuro, ainda mais que história é essencialmente memória dos vivos. Assim afirma sobre a situação social e política do Brasil contemporâneo:

A gente pensava que as coisas fossem melhorar depois da eleição do PT. O Brasil acreditava em um futuro diferente. Pena. Aquela frase emocionante “trocamos o medo pela esperança” não chegou a ser escrita. Foi apenas falada. Tenho pena dos jovens. Como será o amanhã, quando estiverem no poder, trabalhando, constituindo suas famílias? E o pior é que estão muito parados. Fazem muito barulho quando há música, cerveja e festa. Mas são acomodados diante dos problemas! Às vezes penso que não tem mais jeito não. Depois chego a pensar que nós, mais experientes, podemos fazer muitas coisas ainda. Não estamos mortas. Olha, fiz um movimento muito grande quando lecionava. Eu e outras professoras lideramos um grande movimento de professoras em Minas Gerais, em 1967. Foi um movimento forte e começamos, escrevendo cartas para inúmeras cidades do Estado. Desse jeito, queríamos mobilizar o professorado e pressionar o governo, pois o pagamento atrasava meses. Muita gente precisava do dinheiro para viver. Além disso, quem trabalha deve receber, ainda mais do governo. Naquela época a gente não tinha as facilidades de hoje. Tudo era mais difícil. Para ir a Belo Horizonte não havia tantos ônibus. A dificuldade ficava maior porque o pagamento estava atrasado e ninguém viaja de graça. Por isso, penso que os

² Sobre isso, destaco alguns estudos nas referências bibliográficas.

jovens podem mudar muita coisa. Temos muitas riquezas no Brasil. A sociedade pode ser melhor, a política mais limpa. E mesmo com tantos problemas, muitas coisas mudaram. Mas precisam mudar mais.

A leitura cuidadosa dos temas que essa professora aborda compõe o corpo social e político de hoje. Mesmo sem desvendar o discurso político, ela projeta perspectivas para o amanhã, particularmente para os jovens.

Meu maior interesse está situado no tratamento dado às questões educativas e salariais. Esse Na década de 1960, o atraso para o pagamento das professoras primárias em Minas Gerais motivou uma movimentação da classe. Tiveram grande apoio do jornal católico “O Diário”. Assim, relata essa experiência:

Em 1967, tivemos um grande atraso em nossos vencimentos. Ficamos 7 meses sem receber. Escrevemos várias cartas ao governador. Enviamos mensagem para “O Diário”. Esse jornal nos deu muito apoio, sempre publicava o que a gente enviava. Tivemos apoio de outros jornais também [...] “Estado de Minas”, “Diário de Minas” e até do jornal “O Globo”. Fomos guardando todo o material que a gente enviava para o jornal, o secretário, o governador e tudo o que saía publicado. Fizemos uma pasta com este material. São documentos daquele período, se eu encontrar vou te dar de presente. A gente fazia muito abaixo assinado. Nem todas as professoras assinavam. Algumas eram medrosas porque não eram formadas e tinham medo de perder o emprego. Outras o marido mandava. Tinham que obedecer. E havia a gente que corria, reunia e escrevia. Isso tudo que aconteceu merece um estudo.

Resgatar a memória, contar a história de vida significa considerar a noção de experiência pessoal e coletiva. O sujeito se constitui com outros sujeitos e, ainda, por meio de experiências diversas, condicionadas pelo meio familiar e social.

Esta professora vivenciou a experiência de aluna e professora. Lembrar foi um exercício de reconstrução, no momento presente, de fatos que estavam silenciados no baú da memória.

No decorrer da entrevista, perguntei-lhe sobre o significado da profissão docente, ou melhor, se o exercício do magistério era considerado profissão. Ela fez a seguinte observação:

Sim, pois essa era uma profissão. A gente quando estudava já pensava em ser professora. A minha turma, por exemplo, inventou de chamar o Gabriel Passos para paraninfo. Ele nem veio, mandou representante. Como era ministro ia ajudar a turma a encontrar uma colocação. Uma bobagem. Mas, a gente pensava em viver disso. Vou te contar a minha experiência. As Irmãs exigiam um uniforme para a gente trabalhar. Um vestido azul marinho e de magas compridas. Quando eu comprei o meu vestido, gastei três meses para pagar de tão pouco que a gente ganhava. Hoje, professora aposentada, eu vejo que as coisas não mudaram muito. O salário dos professores deixa a desejar. Houve algumas melhoras em outros aspectos.

Ao tratar da questão salarial, a professora reconstrói alguns aspectos do presente e do passado. De tão presentes que eles quase se identificam e formam uma experiência conjunta – o salário é uma questão central para o magistério.

A análise dos fatos e a busca de sua reconstituição demonstram que o processo de profissionalização docente em Minas Gerais foi-se corporificando graças a um conjunto de fatores internos e externos³. Os fatos registrados nos jornais, nos documentos do Estado e nas associações retratam as questões do magistério, seus problemas e perspectivas. Os documentos encontrados, neste período, são práticas discursivas, pois expressam interesses, demandas, moldam maneiras de constituir a profissão docente e de compreendê-la.

Os diversos temas sobre o magistério demarcam projetos políticos em disputa. Traçam um desenho para as ações e se relacionam com outras ações e outros discursos. Isso significa que o registro não é simples memória, é parte integrante da prática. Além disso, o significado da memória e o valor do documento têm sido reavaliados nas novas concepções e práticas historiográficas. Segundo Michel de Certeau:

O discurso “científico” que não fala de sua relação com o “corpo” social não seria capaz de articular uma prática. Deixa de ser científico. Questão central para o historiador: essa relação com o corpo social é precisamente o objeto da história. (CERTEAU, 1995: 22-23).

Isto implica novas possibilidades para o conhecimento da história da profissão docente. É fundamental compreender a documentação histórica além das aparências e integrá-la com os elementos sociais, culturais e políticos.

Durante um longo período de tempo, o conceito de profissão docente não esteve associado a sua prática social, mas à representação que deveria cumprir. Em lugar de profissão, falava-se em vocação docente.

Embora não falassem explicitamente em greve, esta professora usa a expressão “revigorização”:

Nós guardávamos toda a documentação em uma pasta. Fizemos um histórico de tudo o que escrevíamos, de tudo que saía nos jornais e das respostas que recebíamos do governo e da Secretaria da Educação. A gente não falava em greve, falávamos em “revigorização” do magistério. Isso era realmente necessário, pois não era possível trabalhar 3, 4, 5, 6 meses ou mais e ficar sem o pagamento. A gente não agüentava. A gente ainda era injustiçado quando saía o pagamento, o professorado era o último a receber na escala feita pelo governo. Os funcionários

³ A propósito, lembro uma pesquisa mais ampla: “Magistério e profissionalização: um estudo a partir da ação governamental. Minas Gerais – período republicano” com financiamento do CNPq, feita pelos professores Ana Maria Casasanta Peixoto e Mauro Passos que gerou um Banco de Dados, disponível no site da PUC Minas <http://www.pucminas.br/magisterioeprofissionalizacao>. Neste Banco de Dados estão os documentos selecionados sobre profissão docente, em Minas Gerais, no período republicano.

da Coletoria recebiam primeiro e depois era feito o pagamento do pessoal do magistério. Um dia fui à Coletoria e conversei com o coletor sobre esse privilégio. Ele me respondeu que era pelo fato de que eles mexiam com o dinheiro. E eu falei: “você não acha que nós mexemos com as cabeças dos meninos e é muito mais perigoso o que podemos fazer com essas cabeças”?

O entendimento do valor da palavra aparece no depoimento. Na perspectiva “foucaultiana”, a palavra / o discurso tem um valor representativo. As práticas discursivas moldam as maneiras de construir o mundo (mundo da educação). Os artigos publicados são práticas discursivas, pois expressam interesses, demandas, moldam maneiras de constituir a profissão docente e de compreendê-la.

Leit-motiv na rede de significações, destaco a pertinência da matriz professor(a) – educação – dedicação. Isso está sempre presente na maioria dos textos, reforçando o papel do(a) professor(a) – mediador entre o Estado e a Sociedade. Ele deve persuadir, seduzir, penetrar no espírito dos estudantes, fazendo-os aderir aos códigos, comportamentos e hábitos que lhes são passados. Eles devem também perceber a missão de amor, dedicação e interesse que os(as) mestres(as) lhes passam através de uma prática discursiva. Dessa forma será possível moldar as maneiras de construir o mundo, a sociedade, a cultura e as novas gerações. No entanto, o depoimento desta professora já apresenta outros aspectos referentes ao trabalho docente – salário, relação professor(a) x aluno, significado político do trabalho docente.

2. A educação: recomendações e reflexões

A escola é um rico espaço para dar forma à criança e ao jovem. Deve criar hábitos e atitudes nos alunos, a partir dos (hábitos e atitudes) dos professores.

Outro aspecto presente neste período é a comparação da profissão docente com o sacerdócio. O/A Mestre(a) é como o sacerdote. A ênfase nesse lugar do profissional da educação, desconstrói o aspecto profissional do magistério. Com a feminização do magistério, são atribuídas também as qualificações de mãe, amor, dedicação, etc. A importância atribuída à educação, em nível de discurso, faz com o Estado difunda essa imagem no tratamento dado a essa categoria. Além do mais, o(a) professor(a) é uma peça fundamental na reconstrução da nação. A profissão docente tem, no entanto, seu ponto de origem, mas lhe falta o percurso profissional. Como constituir a carreira docente? Os textos e documentos demonstram um caminho de representações que os professores devem assimilar para a constituição desse exercício, mas fogem das questões da profissão, enquanto atividade profissional. São-lhes fechados, seus direitos, enquanto cidadãos, trabalhadores e profissionais.

A concepção que se tem de profissão está situada na qualificação do professor. Por esta citação, percebe-se que ser profissional é sinônimo de uma boa preparação acadêmica. Requer estudo e especialização. A marca do(a) professor(a) está centrada nas dimensões acadêmicas e afetivas (dedicação, amor, formação, especialização, estudo). A questão salarial e a categoria profissional não são enfatizadas. As condições para o exercício profissional não são sinalizadas, nem respeitadas. O atraso semestral no pagamento dos(as) professores(as), segundo o depoimento da professora, comprova isso. Como situar a relação do professor com o Estado? E com os órgãos governamentais? Esta é uma singularidade da profissão docente, se a compararmos com as demais profissões. No entanto, o(a) professor(a) é o elemento chave para a mediação entre estudante e cultura, estudante e valores, estudante e moral. Nisso está o seu poder, sua responsabilidade, seu dever. Num estado liberal, é atribuído ao professor / à professora essa qualidade do exercício do poder, o que interessa aos governantes. Há uma extensão do poder político aos professores, naquilo que lhe interessa. Segundo a contribuição da filosofia política de Hobbes, esse direito é concedido como instrumento para instaurar uma gramática de obediência. O Estado torna possível a cooperação dos indivíduos, neste caso específico – os(as) professores(as), com um fim comum – manter a ordem, a disciplina a norma. Ao mesmo tempo em que o professorado tinha nas mãos certo poder, era também controlado pelo Estado.

Mesmo vivendo sob pressões, esta professora mostrou os embates das professoras primárias neste período. Mesmo com 80 anos, Maria Geralda é uma mulher jovem. Não está nos padrões das pessoas da terceira idade. Uma prova disso é sua intensa atividade na cidade e na região em prol das questões sociais – crianças carentes, casa do menor, associação de artesãos. Não se prende somente às questões da escola, mas se remete às situações de vida das camadas populares. Considerando as dificuldades de mobilização daquele período histórico, o grupo de professoras de Itaguara, liderado por ela, encontra um caminho para dinamizar o movimento dos professores. Usa um instrumento muito presente na cultura tradicional – as cartas:

Como forma de mobilizar o professorado mineiro, começamos a escrever cartas para quase todas as cidades de Minas Gerais. Recebemos inúmeras respostas. Escrevemos para cidades grandes e com mais experiência – Itajubá, Mariana, Oliveira. As respostas despertaram nossa atenção. Foram inúmeras e muitas vezes, encontramos erros absurdos de português nas respostas. Foi um verdadeiro “derrame”. Recebemos respostas do Secretário do Governador, da Secretaria de Educação e de deputados. Uma cidade fazia greve, o Estado pagava os professores daquela cidade. E isso foi aumentando. Algumas afirmavam que entrariam em greve se nós entrássemos. Uma vez, fiquei quase o dia todo no telefone. Ao final da

tarde estava rouca. Conversei com professoras o dia todo. Veja, chegamos a liderar um movimento no estado e Itaguara é uma cidade pequena.

Maria Geralda narra uma história tecida coletivamente. O grupo de professoras vivenciou uma história singular sobre a profissão docente. Vivemos um período histórico que está perdendo a arte de narrar. Está em vias de extinção. Não são todas as pessoas que conseguem alinhar os pontos do bordado narrativo. O jovem é a grande vítima disso. A sociedade atual deixa na sombra a memória e a tradição. A nova geração tende a viver só o presente, pois não tem memória do passado e não consegue enxergar o seu futuro, que se tornou demasiado incerto. Transcrevo o trecho de uma carta dessa Professora. Maria ao Secretário da Educação, em 1967:

A professora primária sempre foi relegada a último plano, quando se trata de fixar e regularizar vencimentos aos funcionários do estado. Nosso país e nosso estado jamais conseguirão combater o analfabetismo de seu povo enquanto der às responsáveis pela resolução deste angustiante problema tão desumano tratamento. Não pedimos aumento, queremos que nossos parcos e irrisórios vencimentos sejam pagos em dia.

Ao final deste trabalho, podemos perceber que as questões salariais que dizem respeito à profissão docente ficaram / ficam na sombra. Um ponto que me parece importante neste aspecto é a necessidade de reconstituir com relevância o cotidiano do magistério, sua relação com o Estado e sua luta, enquanto categoria profissional. Esse trabalho será o resultado de outras pesquisas e mais estudos. Segundo Nóvoa: “É preciso conjugar a lógica da procura (definida pelos professores e pelas escolas) com a lógica da oferta (definida pelas instituições de formação), não esquecendo nunca que a formação é indissociável dos projetos profissionais e organizacionais” (NÓVOA, 1997: p. 10).

A pesquisa “Magistério e profissionalização: um estudo a partir da ação governamental. Minas Gerais – período republicano” nos permite um entendimento maior dessa questão. Sua significação está articulada com o contexto social, cultural e político. Como o magistério foi-se constituindo como profissão? Profissão ou esperança?

O depoimento de Maria Geralda recompôs um fato não muito conhecido. Ajudou-me a revisitar a história de um grupo de professoras e sua capacidade de articulação. Suas lembranças reconstroem trajetórias. Com essas lembranças, “recuperamos a consciência dos acontecimentos”, o que nos ajuda também a confirmar um passado. Pensar a questão profissional do magistério é deparar-se com o conflito em movimentos da categoria por melhores condições de vida.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Jane Soares. **Mulher e Educação: paixão pelo possível.** São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1998.
- CERTEAU, Michel de. *A operação historiográfica.* In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.). **História: novos problemas.** 4ª. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995, Pp. 17-48.
- HYPÓLITO, Álvaro Moreira. **Trabalho Docente, Classe Social e Relações de Gênero.** Campinas: Papirus, 1997.
- LAMBERT, Levindo. *A disciplina na escola,* **Revista do Ensino,** anno V, n. 47, jul. 1930, p. 58.
- LOURO, Guacira Lopes. *Mulheres na sala de aula.* In: PRIORE, Mary Del (Org.). **História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1977, p. 443-481.
- NÓVOA, Antônio (org.). *Formação e profissão docente.* In: NÓVOA, Antônio. **Os Professores e a sua Formação.** 3.ed. Lisboa: Nova Enciclopédia, 1997.
- RELATOS PESSOAIS DE MARIA GERALDA COSTA concedida em 22/07/2006 ao Prof. Mauro Passos.
- PASSOS, Mauro; PEIXOTO, Ana Maria Casasanta (Orgs.). **A Escola e seus Atores: educação e profissão docente.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.